

LIBRAS PERNAMBUCANA: *SUBSÍDIOS PARA UMA PROPOSTA LEXICOGRÁFICA REGIONAL*

DOI: 10.29327/210932.10.2-19

Severina Batista de Farias Klimsa
Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Educação,
Departamento de Psicologia, Inclusão e Educação,
Pernambuco-Brasil
sfarias.klimsa@ufpe.br
<https://orcid.org/0000-0002-3359-3880>

Bernardo Luís Torres Klimsa
Instituto Federal de Pernambuco, Pernambuco-Brasil
bernardoklimsa@recife.ifpe.edu.br
<https://orcid.org/0000-0003-0525-7449>

RESUMO: Este artigo traz um fragmento de uma pesquisa em desenvolvimento para criação de um dicionário intitulado “Libras Pernambucana”, do Grupo de Pesquisa e Estudos do Léxico da Libras – GRUPELL da UFPE, com sinais da Língua Brasileira de Sinais usados pela comunidade surda pernambucana. O objetivo é compor um *corpus* significativo da Libras, levando em consideração o regionalismo presente nos sinais encontrados nas micro e macro regiões do Estado e expressões que sejam típicas de Pernambuco. A obra, ao ser finalizada, terá uma versão impressa e outra em formato digital. Nossa intenção é que o dicionário seja utilizado para pesquisas de sinais que são utilizados pelos surdos pernambucanos e como material de apoio ao processo ensino/aprendizagem dos conteúdos escolares nos diferentes níveis de ensino da Educação Básica, no aprendizado da Libras na Educação Superior e na produção de material didático para educação de surdos.

PALAVRAS-CHAVE: Libras. Dicionário. Lexicografia. Variação linguística. Ensino/aprendizagem

LIBRAS PERNAMBUCANA: SUBSIDIES FOR A REGIONAL LEXICOGRAPHIC PROPOSAL

ABSTRACT: This article presents a fragment of a research in progress to create a dictionary entitled “Libras Pernambucana”, by the Research Group and Studies of the Lexicon of Libras – GRUPELL at UFPE, with signs of the Brazilian Sign Language used by the deaf community in Pernambuco. The objective is to compose a significant corpus of Libras, taking into account the regionalism present in the signs found in the micro and macro regions of the State and expressions that are typical of Pernambuco. The work, when finished, will have a printed version and another in digital format. Our intention is for the dictionary to be used to search for signs that are used by deaf people in Pernambuco; as support material for the teaching/learning process of school contents at different levels of Basic Education, in the learning of Libras in Higher Education and in the production of didactic material for the deaf’s education.

KEYWORDS: Libras. Dictionary. Lexicography. Linguistic variation. Teaching/learning.



INTRODUÇÃO

Os dicionários são obras que contêm o léxico de determinada língua, podendo ser de línguas orais ou de sinais. Neles, encontramos o significado das palavras/sinais, sua utilização, etimologia, sinônimos, antônimos ou a tradução para outras línguas, dependendo do tipo.

Consultar um dicionário é uma prática comum, especialmente quando uma pessoa se interessa por determinado assunto e necessita conhecer o significado de um termo específico. Segundo Bagno (2011, p. 119), citado por Sofiato (2011) os dicionários de línguas têm se constituído na cultura ocidental como “um dos principais instrumentos de descrição, prescrição, codificação e legitimação do modelo idealizado de uma língua correta”.

No Brasil, a criação de dicionários da língua portuguesa é antiga, existindo tipos, funções e objetivos diferentes a depender da proposta lexicográfica do lexicólogo. No caso da Língua Brasileira de Sinais – Libras, a primeira tentativa de registrar a língua data de 1875 com a obra *Iconographia dos signaes dos surdos-mudos*, de autoria de Flausino da Gama.

A Libras, como as línguas de sinais no mundo, ganhou status de língua na década de 1960, com os trabalhos do linguista norte-americano William Stokoe. Ao reconhecerem a legitimidade da Língua Americana de Sinais – ASL, comparando-a a qualquer língua oral em seus aspectos linguísticos, as pesquisas sobre essa nova modalidade de língua se espalham pelo planeta.

Segundo Xavier (2011), os estudos de Stokoe se debruçaram em aspectos fonológicos da língua de sinais americana (ASL), elencando três princípios estruturais: a decomposicionalidade dos itens lexicais dessa língua, normalmente chamados de sinais, em unidades menores; a finitude e conseqüente recorrência dessas unidades sublexicais na constituição de outros sinais e, o caráter distintivo que elas podem assumir.

Surge, então, a necessidade de registrar a língua, verdadeiros desafios para estudiosos da área, especialmente de como se compilar sinais em uma obra, visto que as línguas de sinais, diferentes das línguas orais-auditivas, são viso-gestuais.

Com o advento das novas tecnologias e a democratização das tecnologias digitais, a partir do século XXI, encontramos vários dicionários de línguas de sinais impressos, digitais e *online*. No Brasil, o mais conhecido é o Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue de Língua Brasileira de Sinais – Libras (CAPOVILLA, 2001).

Como país monolíngue, o Brasil tem apenas a língua portuguesa como língua oficial, mas reconhece diversas línguas que fazem parte dos grupos minoritários brasileiros, ou seja, as línguas dos povos indígenas e a Libras da comunidade de surdos. A Libras foi reconhecida em 2002, pela Lei 10.436 como língua oficial da comunidade surda brasileira e a partir de então, as tentativas de registro dessa língua se intensificaram de diferentes formas.

De acordo com Garcia (2018, p. 32), esse reconhecimento se fundamenta no fato de que as línguas de sinais não são mais consideradas gestualizações das línguas orais, mas, sim, línguas autônomas e independentes, com uma estrutura gramatical completa e não meramente sistemas de comunicação baseados nas línguas orais das comunidades ouvintes às quais estão associadas.

Por sua constituição histórica e extensão territorial do Brasil, a diversidade de povos que inicialmente vieram de outros continentes para povoar nossas terras, trouxe novos hábitos, culturas e costumes que foram incorporados àqueles já existentes no país. Com isso, a variação sociolinguística do país pode ser percebida em todas as regiões brasileiras.

A influência desses elementos presentes em cada região brasileira, aliada ao desenvolvimento histórico de cada lugar, fez com que surgissem regionalismos, isto é, expressões típicas de determinada região, presentes também na Libras. Surdos de diferentes regiões utilizam sinais diferentes para nomear objetos diversos. E foi ancorado nesses pressupostos que surgiram os subsídios para a proposta do Libras Pernambucana: subsídios para uma proposta lexicográfica regional.

Neste artigo, trazemos um fragmento de uma pesquisa maior sobre a variação linguística da Libras em Pernambuco, do Grupo de Pesquisa e Estudos do Léxico da Libras – GRUPELL da UFPE que foi instigada a partir dos estudos do doutorado da líder do grupo quando propôs a criação de um dicionário infantil bilíngue Libras/português para crianças surdas. O objetivo é compor um *corpus* significativo da Libras, levando em consideração o regionalismo presente nos sinais encontrados nas micro e macro regiões do Estado e expressões que sejam típicas de Pernambuco.

SELEÇÃO DE INFORMAÇÕES SOBRE A LÍNGUA E SUA ORGANIZAÇÃO NOS DICIONÁRIOS

Os dicionários contêm informações importantes sobre as unidades lexicais das línguas, que devem estar de acordo com a proposta do lexicólogo e os objetivos traçados para o público leitor da obra.

Segundo Pontes (2000a, p. 54), estudiosa das línguas orais, nos dicionários devem constar informações de natureza gramatical, semântica e pragmática relacionadas a cada palavra, como o gênero, a classe a que pertence a palavra, a regência, a formação gráfica e fônica, a etimologia, o significado, o emprego correto, entre outras.

Dicionário é um tipo de gênero textual no qual contêm informações linguísticas sobre o significado das palavras. Marcushi (2008, p. 155) conceitualiza gênero textual como sendo “o texto materializado em situações comunicativas recorrentes”. Sendo assim, os consulentes recorrem ao uso de dicionários em situações específicas para compreender o significado das palavras de uma determinada língua. Dessa forma, as funções desse tipo de obra são muitas vezes motivadas por práticas sociais, a exemplo de grafia das palavras, informações sobre gramática, divisão silábica, pronúncia, significado, sentido, formação de frases, sinônimos entre outras.

Vilarinho (2013, p. 37) explica que o dicionário deve atender às demandas das práticas sociais dos consulentes, oferecendo usos do léxico da língua-alvo em um contexto sociocultural. Por isso, o lexicógrafo registra os lexemas que podem ser recuperados da memória lexical da sociedade que emprega a língua.

Em meio ao quantitativo de informações que o dicionário deve conter, “os lexicógrafos devem conhecer muito bem a língua com a qual desejam criar obras lexicográficas e ter uma ampla leitura do seu patrimônio literário e cultural de todas as épocas no caso de idioma de longa tradição cultural, a exemplo do português e outras línguas orais. Devem conhecer igualmente as variantes faladas na língua” (BIDERMAN, 1984, p. 29). Da mesma forma, são as produções de obras nas línguas de sinais e as formas de registrá-las já que são línguas visuais. O desafio é selecionar informações que não as confunda gramaticalmente com uma língua oral, visto que as línguas orais e de sinais embora sejam comparáveis em seus aspectos linguísticos, são diferentes em suas estruturas gramaticais.

Uma obra lexicográfica deve apresentar informações relacionadas à cultura, por isso as palavras e/ou sinais selecionados para compor a obra descrevem o modo como a sociedade entende os objetos e seres do mundo em certo período sincrônico, visto que são utilizadas nas práticas sociais em determinado espaço de tempo. (VILARINHO, 2013, p. 44).

Percebemos o quanto as informações selecionadas são importantes na elaboração de um dicionário, pois garantem sua objetividade e eficácia com relação à língua. Porém, essas informações devem ser organizadas de acordo com uma norma lexicográfica estabelecida pelo lexicógrafo, o que determina o caráter do próprio dicionário e a forma como as informações se encontram dentro dele.

Normalmente, as nomenclaturas dos dicionários impressos são organizadas por ordem alfabética. No caso das línguas de sinais, podem também ser organizadas por configuração de mãos, um dos parâmetros fonológicos dessa modalidade de língua.

Encontramos nos dicionários a reunião de dois elementos centrais do repertório do signo linguístico: o significante (entrada ou verbete) e o significado, que são as informações contidas no verbete. Suas informações são de natureza linguística e, encontramos no verbete as acepções da unidade lexical, definida em seus sentidos denotativos, conotativos, idiomáticos e especializado (CAMPELLO, CALDEIRA, 2008, p. 23).

Como percebemos, as normas de entrada lexical escolhidas pelo lexicólogo são importantes para organização das informações nos dicionários e definem sua elaboração. Com base nesses preceitos, vejamos como dicionários de línguas de sinais são organizados e produzidos.

OS DICIONÁRIOS EM LÍNGUAS DE SINAIS

Data de 1620 o primeiro registro escrito de uma língua sinalizada com o livro “*Reduction de las Letras y Arte para enseñar hablar los mudos*” de Juan Pablo Bonet, no qual o autor retrata um alfabeto manual. Da mesma forma, encontramos nas obras: “*Chirologia*

or the Natural Language of Hand” e “*Philocophus or the deaf and dumb man’s friend*” do inglês John Bulwer (1644) e “*Elements of Speech: na essay of inquiry into the natural production os letters: with na apêndix concernring persons deaf & dumb*” de William Holder, de origem inglesa (1669), “*Chironomia or a treatise on rhetorical delivery*” de Gilbert Austin, seguidor de Bulwer, em 1806, referências a formas de mãos dos gestos da das línguas de sinais da época.

Nos trabalhos de Martins *et al* (2012), citado por Farias Klimsa (2016, p. 62), em 1850 o “*Dictionnaire usuel de Mimique et de dactylologie*”, do francês Alexandre Blanchet, fez a descrição verbal de cerca de 700 gestos. E o “*Dictionnaire des sourds-muets*” de autoria do Abade Jean Ferrand é considerado o primeiro dicionário por fazer referência ao termo em sua capa e por registrar a língua por meio de desenhos. A data de publicação não é uma certeza, embora conste o ano MDCCCXCVII em algarismo romano (1897) na capa.

No Brasil, a primeira obra considerada como dicionário “*Iconographia dos signaes dos surdos-mudos*” foi desenvolvida por Flausino da Gama, ex-aluno do Imperial Instituto de Surdos-Mudos, atual Instituto Nacional de Educação de Surdos - INES que foi fundado na época do Império em 1857.

Flausino da Gama se inspirou no trabalho publicado em 1856 por Pierre Pélissier, “*L’Enseignement primaire dès sourds muets a la portée de tout le monde avec une iconographie des signes*”. Pélissier era surdo e foi aluno do Instituto Nacional de Surdos-Mudos de Paris. Em sua obra, ele representa os gestos por meio de desenhos com o apoio de setas para compreensão do movimento (SOFIATO, 2011, p. 21).

Grande parte das obras publicadas no Brasil, utiliza fotografias ou gravuras e descreve a Libras com o apoio da escrita do português. São obras configuradas como manuais, apostilas, livros e outros e são utilizadas na educação de surdos e no ensino da Libras como fizeram os primeiros educadores que se propuseram a ensinar pessoas surdas. Reconhecidamente, o primeiro dicionário oficial de Libras publicado no país em 2001 é o “*Deit-Libras: Dicionário Enciclopédico Ilustrado trilingue da Língua de Sinais Brasileira*”, de autoria de Fernando Capovilla e Walkíria Raphael. O trabalho, segundo seus autores, “foi fruto de cinco anos de pesquisas intensas no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo” (CAPOVILLA & RAPHAEL, 2001, p. 50).

O dicionário é composto por 4.327 sinais que estão divididos em dois volumes (volume I de A a L e volume II de M a Z). Contempla três línguas: o português e o inglês (organizados de forma escrita em ordem alfabética) e a Libras escrita de maneira visual (*SignWriting*), por isso é considerado trilingue. (FARIAS KLIMSA, 2016, p. 81)

Hoje a produção de dicionários de Libras aumentou consideravelmente depois da publicação do Deit-Libras. Encontramos dicionários com diferentes formas de representação, desde os impressos, digitais e até em aplicativos para celulares, *tablets* e computadores.

Segundo Farias Klimsa (2016), os dicionários impressos apoiam-se em desenhos ou fotografias dos sinais. Embora essas imagens sejam regra geral, de leitura acessível, até

para o desconhecedor da língua, a ação que é realizada no sinal precisa ser deduzida, pois não é visível na imagem estática. O movimento é representado por setas adicionadas à imagem ou em uma sequência de imagens. Quando há o uso de fotografias, o sinalizante deve usar peças de vestuário simples, cabelos presos e evitar acessórios chamativos para evitar desvio do foco de leitor.

Já os dicionários digitais de Libras optam por outra classificação, mais relacionada com a língua de sinais e utilizam bastante a Língua Portuguesa escrita como um recurso para nomear os sinais e/ou para defini-los (PIZZIO, REZENDE e QUADROS, 2009).

Nos dicionários digitais, a representação dos sinais é feita por meio de vídeo ou mesmo, em avatar. Com esses recursos, a precisão é bem mais superior do que a imagem estática.

Os dicionários digitais disponibilizados de forma *on-line* têm ainda uma possibilidade de armazenamento dos vídeos quase ilimitada e podem estar em constante atualização: na substituição de sinais em desuso; na introdução de novos sinais e na acessibilidade onde quer que exista conexão com a internet. (FARIAS KLIMSA, 2016, p. 81-92)

PERCURSO METODOLÓGICO

Para a realização deste trabalho lexicográfico elegemos dois critérios: o primeiro, a seleção de sinais por áreas temáticas dentre àquelas trabalhadas no Ensino Fundamental, Médio e Superior. A escolha se deu por trabalharmos com formação docente de profissionais que atuam nesses níveis de ensino com alunos surdos. O segundo critério foi utilizar verbetes do Mini “Dicionário Arretado” de Pernambuco produzido pela Prefeitura da Cidade do Recife que divulga as expressões próprias do povo pernambucano. Esse dicionário é composto por 223 verbetes organizados em ordem alfabética de A a Z dentre nomes, verbos, algumas expressões típicas do Estado como “achar massa / cabra frouxo” e ilustrado com gravuras da cultura popular Pernambucana.

Para a proposta do dicionário “Libras Pernambucana”, selecionamos inicialmente 1000 verbetes para constituição do *corpus*. Uma questão importante no estabelecimento do *corpus* do dicionário é a melhor maneira de apresentar o léxico para o leitor. Neste sentido, por termos determinado como público, professores, profissionais da educação básica, estudantes de graduação, pós-graduação e público que tem contato direto ou indireto com pessoas surdas, seja na família, associações, igrejas entre outros; utilizamos fotografias de surdos sinalizando em Libras.

A proposta do dicionário “Libras Pernambucana” constará inicialmente de uma versão impressa e, posteriormente, após finalizado em formato digital e será organizado levando em consideração a ordem alfabética da língua portuguesa, de A a Z, pois utilizará o apoio do português para tradução dos sinais da Libras. A forma adotada para composição dos verbetes consta de sinais envolvendo nomes (substantivos e adjetivos) e verbos. Os verbetes serão organizados em total de três (03) em cada página para melhor visualização do sinal. A Libras será a primeira língua de destaque, ficando do lado es-

querdo da página. E a língua portuguesa do lado direito em negrito e em letra maiúscula. Os verbos serão registrados no infinitivo. Não optamos no momento por entradas lexicais gramaticais, pois os verbetes em Libras serão apenas traduzidos para o português, mas as expressões do português virão acompanhadas de seu significado.

A elaboração de um dicionário leva tempo, não é algo simples de se fazer e em alguns casos leva anos para sua conclusão. No caso de nossa proposta, ainda continuamos com o tratamento do *corpus*, feito por meio de vídeo e fotografias, bem como para elaboração da parte de *design* da obra.

Nosso trabalho é uma realização do GRUPELL, composto por pessoas surdas e ouvintes, dentre professores pesquisadores da UFPE e IFPE, discentes de licenciaturas diversas, do curso de graduação em Letras/Libras e técnicos (tradutores/intérpretes de Libras) das instituições. Nas reuniões do grupo elegemos os verbetes e iniciamos a pesquisa dos sinais entre os surdos participantes, dicionários oficiais de Libras, nas redes sociais e com a comunidade surda nas escolas e associação de surdos.

Para este artigo selecionamos um fragmento de nossa pesquisa que consta de 10 (dez) sinais, alguns deles com expressões próprias dos surdos pernambucanos. São eles: Pai, Setembro, Macaxeira/Aipim/Mandioca, Cagado, Fuleiro, Galalau, Mangar, Pereba, Pirangueiro e Tabacudo.

A PROPOSTA

Segundo Dubois et al. (2002, p. 364) *apud* Farias Klimsa (2016, p. 98), o léxico é considerado um conjunto de palavras de uma língua e constitui um vasto universo de limites imprecisos e indefinidos abrangendo todo o universo conceptual dessa língua.

No caso da Libras, as palavras ou itens lexicais são os sinais. De acordo com Biderman (1998, p. 179) qualquer sistema lexical vem da experiência acumulada de uma determinada sociedade e de seu acervo cultural. Os membros dessa sociedade são agentes ativos no processo de perpetuação e reelaboração contínua do léxico de sua língua. Dessa forma, o léxico se expande, se modifica e, às vezes, se contrai. São seus usuários – os falantes – aqueles que criam e escrevem o vocabulário dessa língua. (FARIAS KLIMSA, 2016, p. 98).

O Brasil é um país enorme em extensão geográfica e multicultural devido à origem do povo brasileiro. As línguas faladas aqui trazem de seu povo marcas culturais próprias e diversos jeitos de falar e sinalizar. Com a Libras, não poderia ser diferente, ela é uma língua rica em regionalismo e esse aspecto mostra os traços culturais da comunidade surda brasileira em relação ao uso da língua.

Como unidade lexical, o sinal faz parte do léxico da Libras e é composto a partir de parâmetros que juntos formam as unidades básicas da língua. São formados pela combinação do movimento das mãos com um determinado formato em um determinado lugar, que pode ser uma parte do corpo (testa, tórax, rosto etc.) ou um espaço em frente ao corpo (espaço neutro).

São cinco os parâmetros que formam a Libras:

(1) Configuração de Mãos - são diferentes formas que as mãos assumem na produção dos sinais, podendo ser a datilologia (alfabeto manual/digital);

(2) Ponto de Articulação ou Locação - É o local onde incide a mão, seja direita ou esquerda configurada. Segundo Quadros e Karnopp (2004, p. 57), o PA ou espaço de enunciação é uma área que contém todos os pontos dentro do raio de alcance das mãos em que os sinais são articulados. A mão pode ou não tocar alguma parte do corpo ou estar em um espaço que vai do meio do corpo até à cabeça (espaço neutro) e horizontal (à frente do emissor);

(3) Movimento - Alguns sinais podem ter ou não movimento. Mas para que haja movimento é necessário se ter objeto e espaço. Nas línguas de sinais, o objeto é representado pelas mãos do enunciador, e o espaço é a área em torno do corpo do enunciador (FERREIRA-BRITO e LANGEVIN, 1995);

(4) Orientação da Mão - É a direção que a palma da mão aponta para a produção do sinal (Quadros e Karnopp, 2004). Pode ser para cima, para baixo, para o corpo, para frente, para a direita ou para a esquerda. Alguns sinais podem ter uma direção e a inversão desta pode significar ideia de oposição, contrário ou concordância número e de pessoa.

(5) Expressões não-manuais - como movimento da face, dos olhos, da cabeça ou do tronco exercem os papéis de marcações de construções sintáticas e diferenciação de itens lexicais. Quando as expressões não-manuais têm função sintática marcam sentenças interrogativas (sim/não), interrogativas QU-, orações relativas, topicalizações, concordância e foco. Duas expressões não-manuais podem ocorrer ao mesmo tempo, como é o caso de marcações de interrogação e negação (QUADROS e KARNOPP, 2004, p. 60).

Os sinais abaixo fazem parte da proposta do dicionário “Libras Pernambucana”. Para melhor compreensão, trazemos para este artigo, os itens lexicais PAI, SETEMBRO e MACAXEIRA para exemplificar a diferença da variação que os sinais apresentam nos estados de Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Sul e Rio de Janeiro.

Figura 01 - Sinal da Libras: Pai



O sinal de “PAI” utilizado em PE é formado a partir de dois sinais: HOMEM+BEIJO NA MÃO. O sinal de homem em Libras faz referência a barba masculina muito utilizada pelos pais de família nas gerações mais antigas. Já o sinal BEIJO NA MÃO é um ato comum em diversas regiões brasileiras quando os filhos pedem a bênção ao pai, no sentido de “a bênção do pai protege o filho”. O mesmo sinal é usado para PAI ou PAPAÍ.

No RS, a referência é o bigode, uma característica dos homens da região quando utilizavam a indumentária com chapéu, lenço, camisa, guaiaca, bombacha e botas em que os homens sempre usavam um bigode volumoso.

Figura 02 - Sinal da Libras: **Setembro**



Já o sinal de setembro em Pernambuco se reporta à marcha dos soldados nos desfiles em comemoração ao 7 de setembro, dia da Independência do Brasil. No Rio de Janeiro, o sinal traz como característica a indumentária dos soldados, uma espécie de capacete que tem uma alça que segura o utensílio dos lados até o queixo para não cair da cabeça.

Figura 03 - Sinais da Libras: **Macaxeira (variação: Aipim, Mandioca)**



Na língua portuguesa, usamos as palavras macaxeira, aipim, mandioca para se referir a uma planta tuberosa da família das *Euphorbiaceae*, que possui várias raízes comestíveis e muito utilizada na culinária brasileira no preparo de diversos pratos. Na Libras a representação dessa planta está diretamente relacionada à extração, corte ou preparo. Em PE, para o cozimento, a macaxeira leva um pequeno corte com uma faca (peixeira) e em um movimento semicircular arranca-se a casca com a mão, por isso o sinal da Libras para o termo imita o cortar da raiz. No Rio de Janeiro, o sinal para aipim se refere ao manuseio da raiz no preparo de alimentos, normalmente se pega com as duas mãos. Já na Paraíba, o sinal da Libras para macaxeira faz alusão à extração da planta que é puxada da terra pelo tronco pelo agricultor.

Os termos apresentados nas figuras abaixo são expressões tipicamente utilizadas em Pernambuco por usuários da língua portuguesa. Embora os surdos pernambucanos conheçam essas expressões do português, em Libras encontramos muitas delas que são utilizadas em outras regiões com o mesmo sentido.

Figura 04 – Sinal da Libras: **Cagado**

A expressão da imagem “Cagado”, significa que uma pessoa é sortuda. “*Você é cagado mesmo*” – *you have a lot of luck*; “*you passed the exam on a cagada*” – sorte de ter passado sem estudar, por exemplo. Em Libras, a representação dessa expressão é utilizada pelo sinal DEFECAR mais a expressão facial que vai variar de acordo com a intensidade do sentido de sorte, por exemplo: *you had a lot of luck*, *you had a lot of luck* sua passar, sem palavras para dizer como você é sortudo! Em algumas variações dessa expressão, utiliza-se também o sinal de sorte, CAGAR+SORTE = SORTUDO.

Figura 05 - Sinal da Libras: **Fuleiro**

Fuleiro é um objeto sem valor ou pessoa que não cumpre o que promete, “*José é um fuleiro, nunca vem na minha casa*”, “*Essa aliança é fuleira, não é ouro não!*”. Em Libras, usa-se o sinal de PESSOA+ENGANAR se referindo à pessoa. Quando é o objeto que é fuleiro, em Libras se usa o sinal de FALSO, VELHO, RUIM ou NÃO É VERDADEIRO.

Figura 06 - Sinal da Libras: **Galalau**

Uma pessoa muito alta é chamada de galalau. “*Paulo é um galalau da peste!*”. Para essa expressão na Libras, usa-se dois sinais: **HOMEM+ALTO** acompanhado de uma expressão de espanto pela altura da pessoa.

Figura 07 - Sinal da Libras: **Mangar**



Mangar é rir dos outros. “*O menino mangou da irmã porque ela caiu na lama*”. Em outras regiões, podemos encontrar a palavra zombar com o mesmo sentido. Em Libras, esse termo está muito associado ao apontar para a pessoa, expressão facial negativa (rir muito ou ironia) junto ao sinal de **ATIRAR** com arma, mas com sentido de zombar do outro.

Figura 08 - Sinal da Libras: **Pereba**



“*Joãozinho tem várias perebas na perna. Que menino perebento!*”. Ter pereba é ter uma ou várias feridas não cicatrizadas no corpo. O sinal em Libras para esse termo é feito com dois sinais: **FERIDA+DESCARCAR** = **FERIDA** apontando para o local onde se vê o ferimento mais a expressão facial de nojo.

Figura 09 - Sinal da Libras: **Pirangueiro**



Pirangueiro pode ser traduzido como pessoa avarenta, pão-duro, mão-de-vaca. “*Pa-inho é muito pirangueiro, não comprou morango porque achou caro!*”. Na Libras, para representar o termo pirangueiro, usam-se três sinais: PESSOA+DINHEIRO+FIGA juntamente com a expressão facial indicando ruim.

Outro recurso que se utiliza em substituição ao sinal de pessoa são os pronomes pessoais da Libras, que representam as pessoas do discurso e, diferentemente do português, são feitos pela apontação e estão nas formas (singular, dual, trial, quatrial e plural) para indicar as pessoas no discurso. Para a 1ª pessoa do singular: EU e 1ªp do plural: NÓS-2, NÓS-3, NÓS-4, NÓS-TOD@. Na 2ªp do singular: VOCÊ e 2ªp do plural: VOCÊ+2, VOCÊ+3, VOCÊ+4, VOCÊ-TOD@. Para a 3ªp do singular: EL@ e 3ªp do plural: EL@+-2, EL@+-3, EL@+-4, EL@+-GRUPO, EL@+-TOD@¹. (BRASIL, 1998).

Figura 10 - Tabacudo



“*Oxi, meu amigo Pedro é muito tabacudo!*”. Tabacudo(a) é uma expressão para dizer que alguém é bobo sendo comumente utilizada pelos pernambucanos, tanto para o gênero masculino, como para o feminino. Em Libras o sinal apresentado para representar essa palavra do pernambucês é genuinamente um sinal utilizado apenas pelos surdos de Pernambuco. A história desse sinal começou com um aluno surdo e sua professora ouvinte. O menino sempre chamava os colegas de tabacudos quando a professora se virava para escrever no quadro, mas ela se virava e o mandava ficar quieto e não chamar os colegas de tabacudos porque eles não eram bobos. O menino indignado quis saber como a professora sabia que era ele que gritava. A professora disse que reconhecia a voz dele, porque cada pessoa tem voz diferente. Então, o aluno criou o sinal de tabacudo em Libras para continuar zombando dos colegas e até da professora quando ela não sabia um sinal em Libras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A elaboração de um dicionário não é um trabalho fácil. Organizar o léxico de forma que ele possa servir a diferentes finalidades cabe à Lexicografia. Porém, é o autor o principal lexicógrafo, o maior responsável pela obra, cujo fim é o de recolher “o tesouro lexical da língua num dado momento da história de um grupo social” (BIDERMAN, 2001, p. 132).

¹ Utilizamos o Sistema Ferreira-Brito-Langevin de Transição de Sinais. In: FERREIRA-BRITO, L. Por uma gramática de Língua de Sinais. Rio de Janeiro: Babel, 1995.

Como afirma Krieger (1993, p. 10), o dicionário é “um texto que fala da cultura, revelando um universo semântico-cultural por meio das unidades lexicais que o compõem”. Concordamos com o autor e vamos mais além, o dicionário é registro, é informação, uma obra que pode auxiliar professores e alunos nas suas atividades de ensino e aprendizagem do léxico e ao público geral leitor que procura o significado de determinada palavra ou sinal. Os dicionários são elaborados considerando-se um público específico para suprir suas necessidade e especificidades próprias.

Podemos dizer que esse foi o ponto de partida para a elaboração de nossa proposta, ou seja, o público para o qual trabalhamos. Desde a primeira vez em que começamos a ministrar a disciplina de Libras e dos longos anos em sala de aula com alunos surdos, o desejo de elaborar material didático para ser utilizado na educação de surdos sempre esteve presente em nós.

Hoje sabemos da importância dos dicionários e compreendemos que eles não têm relação com o seu tamanho e quantidade de palavras ou sinais, mas sim, como afirma Pontes (2009, p.230), essas obras são “destinadas a um público específico, com necessidades diferentes em relação àquele que consulta os outros tipos de dicionários”. Desse modo, podemos afirmar que um bom dicionário deve atender às especificidades dos seus usuários considerando também suas particularidades.

A proposta do dicionário Libras Pernambucana reconhece a Libras como primeira língua da pessoa surda e respeita sua diferença linguística, sua cultura e identidade. E por ser uma obra de consulta de um público diversificado a língua portuguesa é utilizada apenas para nomear os sinais.

Um dos grandes desafios ao se propor obras lexicográficas desse tipo em Libras é a questão do registro visual, aspecto bastante importante ao se tratar de uma língua visual-gestual com expressões faciais e movimentos, aspectos complexos de se compreender na imagem estática. Do mesmo modo, nas obras digitais a produção e edição do vídeo, iluminação e enquadramento para melhor visualização do sinal são do mesmo modo, desafios para a produção de obras bem feitas.

Com a ampliação lexical da Libras impulsionada por pesquisas acadêmicas e o acesso da comunidade surda aos diferentes níveis da educação, mas principalmente na Educação Superior, propostas como a nossa de elaboração de um dicionário “Libras Pernambucana” com sinais utilizados por surdos pernambucanos, ricos e variação linguística e expressões da região, será um marco para a produção lexicográfica em Libras em Pernambuco e modelo para iniciativas em todos Estados do Brasil.

REFERÊNCIAS

- BAGNO, M. **Gramática Português do português brasileiro**. São Paulo: Parábola, 2011.
- CAMPELLO, B.; CALDEIRA, P.T. **Introdução às fontes de informação**. 2. Ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.
- CAPOVILLA, F. C.; RAPHAEL, W. D. **Dicionário enciclopédico ilustrado trilingue: Língua Brasileira de Sinais: Libras**. São Paulo: EdUSP, 2001. V1 e V2.

BRASIL. **Decreto nº 5626**. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e art. 18 da lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Publicada no Diário Oficial da União em 22/12/2005.

_____. Série 4 Atualidades Pedagógicas – 4/MEC/SEESP. **Língua Brasileira de Sinais** / organizado por Lucinda Ferreira Brito et.al. – Brasília: SEESP, 1998.

BIDERMAN, M. T. C. **A face quantitativa da linguagem: um dicionário de frequências do léxico do português contemporâneo**. In Revista Alfa, v. 42, n. Esp. São Paulo, 1998, 161-181.

_____. **Os dicionários na contemporaneidade: arquitetura, métodos e técnicas**. In: OLIVEIRA, A. M. P. P.; ISQUERDO, A. N. Organizadores. **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**. Campo Grande: Ed. UFMS; 2001a. p. 129-142.

FARIAS KLIMSA, S. B. **Proposta de dicionário infantil bilíngue Libras/Português**. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Paraíba, João Pessoa, Paraíba, 2016.

FERREIRA BRITO, L. **Por uma gramática de Língua de Sinais**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.

FERREIRA-BRITO, L.; LANGEVIN, R. **Sistema Ferreira-Brito-Langevin de Transição de Sinais**. In: FERREIRA-BRITO, L. **Por uma gramática de Língua de Sinais**. Rio de Janeiro: Babel, 1995.

GARCIA, R. K. P. **Um estudo sobre a expressão gramatical da polidez em Libras**. Dissertação de Mestrado - Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília. 2018.

KRIEGER, M. da G. **A obra e o fazer dicionarísticos**. Cadernos do IL 10, p.9-16, jul.1993.

MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2018.

QUADROS, R. M.; KARNOPP, L. B. **Língua Brasileira de Sinais: Estudos linguísticos**. Porto Alegre: Armted, 2004.

_____; PIZZIO, A. L.; REZENDE, P. L. F. **Língua brasileira de sinais I**. Florianópolis: UFSC, 2009

PONTES, A. L. **Dicionário para uso escolar: o que é, como se lê**. Fortaleza: EdUECE. 2009

SOFIATO, C. G. **Do desenho à litografia: a origem da língua brasileira de sinais**. Tese de Doutorado, Instituto de Artes, Universidade de Campinas, Campinas, 2011.

VILARINHO, M. M. de O. **Proposta de Dicionários Informatizado Analógico da Língua Portuguesa**. 2013. 307f. Tese (Doutorado de Linguística) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília. 2013.

XAVIER, A. N. **Variação fonológica na libras: um estudo da alternância no número de articuladores manuais envolvidos na produção dos sinais**. XVI Seminário de Teses em Andamento. Revista do Seta v. 5, 2011.